

Vestibular - Tudo (de) novo!

Ricardo Lengruber Lobosco

O MEC lançou propostas para mudar o formato do exame vestibular. A idéia é expressa no Termo de Referência - Novo Enem e Sistema de Seleção Unificada assinado em abril pela Secretaria de Educação Superior, em que se afirma: "A modificação do formato do Exame Nacional do Ensino Médio (novo Enem) com a realização das provas de linguagens (incluindo redação); ciências humanas; ciências da natureza e matemática - e a conseqüente valorização dos conteúdos acadêmicos próprios do ensino médio, gera a possibilidade de utilização dos resultados desse exame para a seleção dos ingressantes no ensino superior. A opção pela utilização do novo Enem não implica abdicar de outros mecanismos de seleção, (...), observado, naturalmente, o total de vagas regularmente oferecidas pela Instituição de Educação Superior (IES)".

Vale observar que, segundo o Inep, "para a elaboração da prova do Enem, constituída de uma parte objetiva e uma redação, é utilizada uma matriz de competências. Neste caso, a palavra competência está ligada à capacidade do estudante, entre outras coisas, em dominar a norma culta da língua portuguesa, compreender fenômenos naturais, enfrentar situações-problema, construir argumentações consistentes e elaborar propostas que atentem para as questões sociais".

Ao que tudo indica, o Enem que não nasceu para ser exame de seleção, e sim com o mérito de estimular raciocínio, além de promover uma mudança de mentalidade nas propostas pedagógicas das escolas, já que prescinde da velha decoreba será transformado em exame vestibular.

Segundo o MEC, o novo exame cobrará do aluno o conteúdo das matérias do ensino médio que são pré-requisitos para se conseguir acompanhar o ensino superior. Isso era e é a função do vestibular. Fazer o Enem cumprir essa função é perder o Enem como mecanismo de averiguação para o qual ele foi criado. Em outras palavras: antes tínhamos o Enem e o vestibular, cada qual com a sua função, de agora em diante teremos somente o vestibular, com nome de Enem.

Algumas reflexões precisam ser feitas:

1. Está claro que o vestibular tem limitações. Mais exclui que inclui. O que se estuda para uma classificação razoável e, além de incrivelmente volumoso, suspeito de desnecessário. Para se dar conta da matéria, professores têm que criar musiquinhas, fórmulas de decoreba etc. É a perfeita banalização! E mais sério: numa etapa tão crucial na vida escolar, a escola resume-se a se debruçar sobre banalidades.

2. Por outro lado, porém, não se pode perder de vista que estudar é algo que requer disciplina e renúncias! Nesse sentido, o vestibular pode criar um clima propício para o bom estudo. É uma pena que isso aconteça apenas ao final da etapa básica da educação. Talvez as escolas devam se empenhar mais na construção da disciplina de estudo desde as séries iniciais do ensino fundamental. Crianças devem ter claros os limites entre brincar e estudar. É lamentável que alguns jovens só encontrem a primeira frustração acadêmica quando se deparam com o vestibular.

3. Como o atual Enem é uma avaliação diferente da maioria dos vestibulares, parece perigoso que se utilize esse tipo de exame para selecionar somente os mais bem classificados; é correr o risco de se perder a essência que lhe é específica.

4. Uma questão final tem a ver com uma frase do documento do MEC: "Observado, naturalmente, o total de vagas regularmente oferecidas pela IES". Eis o nó! Por que os vestibulares são tão concorridos? Porque não há vagas em número razoável. O problema não é passar no vestibular! Estudantes com 70% ou 80% de aceito - que claramente estão aptos não conseguem a classificação. O problema não é educacional, é político! Faltam vagas! E isso não parece ser contemplado na mudança no formato do sistema de exames para ingresso nas

universidades. Pode-se modificar tudo, mas enquanto não se ampliar o número de vagas, nada mudará! O ensino médio continuará a ser uma etapa de triagem dos mais afeitos e condicionados à decoreba em detrimento dos que, talvez, estejam mais bem preparados efetivamente para a educação superior.

Depois que houver mais vagas, os educadores poderão honestamente se debruçar sobre a questão e pensar um exame que mescle a competitividade dos vestibulares com as propostas do Enem para formatar um exame de seleção que cumpra dois ricos propósitos: primeiro, pautar a educação básica em formar pessoas verdadeiramente estudiosas; segundo, selecionar os estudantes que se adequem às carreiras universitárias pretendidas!

Enquanto não houver vagas na universidade pública que atendam as demandas da sociedade brasileira, as mais profundas marcas de desigualdade social permanecerão: os mais ricos conseguirão e os mais pobres permanecerão como tal!

E lamentável: no Brasil, tudo se muda para nada mudar!

Fonte: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 maio 2009, Primeiro Caderno, p. A9.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais